

A RELAÇÃO INTRÍNSECA ENTRE A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO

THE INTRINSIC RELATIONSHIP BETWEEN LITERACY AND LITERACY

Eliza Alves Landin ¹

Ana Laura da Silva ²

Resumo: No contexto do letramento, pode-se formar sujeitos capazes de refletir criticamente sobre as informações que lhes são fornecidas através dos textos, constatando que o letramento não deve ser dissociado do processo de alfabetização. É importante que se alfabetize letrando, uma vez que muitos são aqueles alfabetizados, porém, poucos são, de fato, letrados. Assim, o objetivo desta pesquisa é apresentar uma discussão a respeito do letramento ser fator essencial no processo de alfabetização, para que os sujeitos sejam capazes de se expressar de forma significativa e agir criticamente em suas demandas sociais. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho teórico-bibliográfico. Ao analisar as questões associadas ao processo de alfabetização e letramento, entende-se que são métodos diferentes, porém, fundamentais e que devem acontecer simultaneamente, desenvolvendo uma prática educacional de alfabetizar letrando. Para que tal processo ocorra de forma homogênea e efetiva, os professores alfabetizadores precisam desfrutar de tais habilidades.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento. Analfabeto funcional. Formação de leitores.

Abstract: In the context of literacy, subjects capable of critically reflecting on the information provided to them through texts can be formed, noting that literacy should not be dissociated from the literacy process. It is important to become literate through literacy, since many are literate, but few are, in fact, literate. Thus, the objective of this research is to present a discussion about literacy being an essential factor in the literacy process, so that subjects are able to express themselves in a meaningful way and act critically in their social demands. It was a qualitative research, of a theoretical-bibliographic nature. When analyzing the issues associated with the literacy and literacy process, it is understood that they are different methods, however, fundamental and that they must happen simultaneously, developing an educational practice of teaching literacy through literacy. For this process to occur homogeneously and effectively, literacy teachers need to enjoy such skills.

Keyword: Literacy and Literacy. Functionally illiterate. Reader training.

- ¹ Graduada em Letras (Centro Universitário UniEvangélica). Mestra em Educação Linguagem e Tecnologia (Universidade Estadual de Goiás – UG), Jaraguá, Goiás. Docente no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6613122010641858>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7671-7743>. E-mail: prof.elizalandin@gmail.com
- ² Graduada em Pedagogia (Universidade Estadual de Goiás - UEG), Jaraguá, Goiás. E-mail: ana3904955@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2150631573675500>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7689-0246>.

Introdução

Com o propósito de formar sujeitos capazes de usar a leitura e a escrita para diversos fins, como escolares, profissionais e culturais, é necessário que a escola desenvolva processos de letramento, visto que a alfabetização e o letramento são dois processos fundamentais na formação crítica e ativa, em qualquer contexto social.

Desta forma, essa pesquisa tem como objetivo apresentar uma discussão a respeito do letramento ser fator essencial no processo de alfabetização, para que os sujeitos sejam capazes de se expressar de forma significativa e agir criticamente em suas demandas sociais. Neste contexto, um fator emergente a se tratar é o analfabetismo funcional, visto que boa parte da população está nesta estatística. Acredita-se que para sanar este problema, o único caminho é alfabetizar no contexto do letramento, ou seja, assim como o título desta pesquisa menciona, é preciso que haja uma relação intrínseca entre o alfabetizar e o letrar.

Tratando-se da metodologia, utiliza-se a pesquisa qualitativa, partindo de uma revisão bibliográfica, na qual, Marconi e Lakatos (2003, p. 183) ressaltam que, “não é mera repetição do que já foi dito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Faz-se importante destacar que a pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que permite conhecer melhor o assunto em estudo.

Posto isso, considera-se que essa pesquisa possui relevância no âmbito educacional, visto que ainda se tem uma realidade muito preocupante, que é a marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita ou são analfabetos funcionais. Portanto, para que tal realidade seja alterada, é importante que os professores se aprofundem em aspectos relacionados em como a criança aprende, até as metodologias. Para alfabetizar no contexto do letramento. Acrescenta-se ainda formações continuadas para melhor preparar os docentes para o desafio de alfabetizar no contexto do letramento.

Alfabetização e letramento: processos interligados

Para tratar do conceito de alfabetização e letramento é necessário definir seus significados separadamente de acordo com diversos autores da área. Deste modo, apesar da alfabetização e do letramento serem processos indissociáveis, Soares (2009) chama a atenção para o fato de que essas são práticas diferentes, logo, sendo necessário diferenciá-las.

Posto isto, Soares (2004, p. 16) entende a alfabetização como “processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico”. A autora, no mesmo parágrafo, também ressalta que é importante que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento [...] desenvolvendo habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas (Soares, 2004, p. 16). Na mesma linha de pensamento de Soares (2004), Freire (1989, p. 7) afirma que

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Compreende-se, portanto, que é necessário alfabetizar de acordo com as especificidades, enquanto processo de aquisição da escrita alfabética.

Freire (1989, p. 43) ressalta que, “Na alfabetização não nos interessa ensinar ao povo um puro be-a-bá, não nos interessa também, na pós-alfabetização, transferir ao povo frases e textos para ele ir lendo sem entender”. Assim, percebe-se o quanto é importante, no processo de alfabetização, uma leitura que faça sentido com o contexto social em que o sujeito está inserido.

Analisando os dois conceitos, tanto de Soares (2004), quanto de Freire (1989), nota-se que ambos caminham na mesma direção de que alfabetizar não é apenas decodificar ou dominar a leitura e a escrita. É preciso ir além, tornando-se fundamental pensar na formação de sujeitos

capazes de interpretar e transformar a leitura e a escrita, utilizando-as em suas práticas cotidianas. De igual modo, tratando das contribuições de Ferreiro (2011) sobre a alfabetização, encontra-se em suas obras, ideias e fatos que defendem que sua concepção sobre a alfabetização também é tida como um processo indissociável do contexto do estudante.

Ferreiro (2001) tece críticas às práticas mecânicas com a utilização de textos artificiais, no processo de alfabetização, que não faziam parte do contexto social dos estudantes e também aos tradicionais métodos nos quais, de acordo com a autora (2011), não produziam conhecimento. A partir dos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), é importante ressaltar que o construtivismo não é um método de ensino, mas gira em torno de como a criança aprende, tirando o foco dos métodos de ensino para alfabetizar. As autoras supracitadas defendem uma alfabetização ativa, baseada no questionamento, que o professor faça perguntas e induza o sujeito a refletir sobre o objeto de conhecimento com o qual está trabalhando, não podendo oferecer ao estudante respostas prontas, mas sim levá-lo à reflexão.

Em sua obra, Ferreiro e Teberosky (1999) também ressaltam acerca das hipóteses de escrita que a criança elabora, afirmando que elas constroem conhecimento a respeito da aprendizagem, da leitura e da escrita antes mesmo do ensino sistematizado, uma vez que, mesmo antes de se apropriar do sistema de escrita, à medida que tem contato com situações de leitura e escrita, a criança vai construindo hipóteses, avançando na aquisição alfabética e pensando em como se escreve as palavras.

Até que a criança aprenda a ler e escrever, primeiro é necessário que ela conheça o sistema de escrita, e esse processo acontece de forma gradativa. Para comprovar isto, Ferreiro e Teberosky (1999), a partir de experimentos realizados com crianças, em fase inicial de alfabetização, definem níveis no processo de aquisição da escrita. Tendo isto em vista, as crianças, nesta fase, tentam reproduzir a maneira de escrever com que estão acostumadas em seu dia a dia.

Segundo Ferreiro (2011), conseguir fazer uma distinção entre desenhar e escrever são as primeiras características manifestadas da escrita pré-escolar. Ainda conforme a referida autora ressalta, as crianças não criam novas letras, mas reproduzem a forma das letras da sociedade. Diante do exposto, conclui-se que, a alfabetização desenvolvida em um contexto de letramento, levará os sujeitos além da codificação e decodificação de palavras, sem que haja uma compreensão além ou pensamento crítico acerca daquilo que se lê.

A importância da leitura na perspectiva de alfabetizar e letrar

A sociedade atual é grafocêntrica e conforme Mortatti (2004, p. 98), são “Sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, assume importância central na vida das pessoas e com o mundo em que vivem”. Assim, obtém-se uma cultura escrita, na qual o escrever e ler são valorizados de modo mais efetivo que falar e ouvir. A partir disto, é importante que os sujeitos tenham acesso não somente à leitura e à escrita, mas na participação efetiva da cultura escrita. Sendo assim, a leitura torna-se parte central quando se trata a respeito de alfabetização e letramento. Mas o que é leitura?

De acordo com Carvalho (2010),

Alguns autores descrevem a leitura como uma espécie de diálogo, uma troca, uma interação entre o leitor e o autor [...] Nesse processo o leitor constrói os significados do texto e os compreende [...] O leitor tem papel ativo, não é apenas receptor. Para que essa interação leitor-autor ocorra, no entanto, é preciso que o leitor disponha de conhecimentos que nem sempre consegue obter nas situações escolares (Carvalho, 2010, p. 09-10).

Nota-se que o leitor é um participante ativo na criação de significados dentro do texto e a leitura é uma atividade intelectual complexa e individualizada. Nessa mesma direção, Carvalho (2010) também enfatiza a necessidade de o leitor possuir conhecimentos que nem sempre são

adquiridos nas situações escolares. Isto significa que a compreensão plena de um texto vai além do conhecimento formal, requerendo também um repertório pessoal e experiências que podem influenciar na interpretação da leitura.

Cada leitor traz consigo diferentes experiências, conhecimentos e perspectivas, o que resulta em uma variedade de interpretações e compreensões da mesma obra (Carvalho, 2010). Deste modo, o escritor deve ter em mente que ele não é responsável pela interpretação de seus leitores, ou seja, estas interpretações são feitas de acordo com o repertório do leitor e nível de letramento adquirido.

Ainda citando Carvalho (2010), a autora chama a atenção para o fato de que a leitura não se restringe apenas ao ato de decifrar palavras, mas também envolve a capacidade de relacionar-se com o autor, explorar diferentes pontos de vista e construir significados próprios a partir do texto. É dessa interação ativa que surge um enriquecimento cultural e uma ampliação do conhecimento do leitor.

Levando em consideração as questões sociais, existem crianças que têm acesso à livros somente na escola. E, para formar bons leitores, é necessário que a instituição de ensino ofereça condições aos estudantes de entrarem em contato com a leitura, especialmente, os textos literários, pois, quem vive em um universo cheio de livros, poderá ter melhor habilidade na leitura, na escrita e também falar mais próximo ao padrão culto.

Entretanto, é possível comprovar, através de uma simples observação, a dificuldade de se produzir bons leitores, sendo este um desafio para a escola em qualquer localidade. Cosson (2020) apresenta dados de como a leitura não é utilizada como forma de lazer pela maioria dos brasileiros. Assim sendo, este é mais um desafio para formar bons leitores.

A leitura está bem abaixo da televisão, campeã absoluta da preferência nacional, com 85% da população, seguida pela escuta de música ou rádio, com 52%. Ler como diversão é a atividade preferida de apenas 28% da população, sendo que deste número somente pouco mais da metade afirma ler com frequência. Se os brasileiros leem pouco, leem menos ainda literatura (Cosson, 2020, p. 12).

Cosson (2020), sobre o baixo índice de leitura no Brasil, afirma que isto pode ser atribuído a diversos fatores, como a falta de acesso a livros, falta de incentivo à leitura desde a infância, ou até mesmo a falta de tempo e interesse por parte da população. Assim, levando em consideração a falta de hábito de ler livros da sociedade em geral, a escola constitui-se em um lugar especial e apropriado para as práticas de letramento.

Freire (1993) pontua que as escolas deveriam estimular o gosto da leitura e da escrita durante todo o tempo de sua escolarização, o que significa dizer que estudar não é um fardo e ler não é uma obrigação, mas uma fonte de alegria e de prazer. Este esforço em buscar sentido nos estudos deveria começar na pré-escola, intensificando-se no período da alfabetização e continuar sem jamais parar.

Carvalho (2010) chama atenção para o fato de que, os professores precisam tornar a leitura significativa e atraente desde o início da alfabetização, caso contrário, o fracasso escolar persistirá, apesar da adoção de medidas paliativas para recuperar os repetentes. Isto leva a pensar sobre a importância de um trabalho exímio, a partir dos Anos Iniciais de alfabetização, com a leitura de forma atrativa.

Destarte, através de toda esta análise, percebe-se que as crianças podem aprender pensando, não basta apenas ficar decorando as sílabas e decodificando palavras sem sentido, é preciso entender o que está aprendendo. Dessa forma, a alfabetização será significativa, e conseqüentemente, a leitura também. O professor precisa colaborar para que o estudante consiga construir um aprendizado completo, sempre aplicando atividades que incentivem a leitura e não ensinando só a ler e a escrever, mas a compreender o significado do que lê, preparando-o para viver em sociedade.

O que é letramento?

Segundo o Inaf (Instituto Nacional de Alfabetismo Funcional), 30% da população brasileira, entre 15 e 64 anos, ainda são analfabetos funcionais (Inaf, 2018), o que permite afirmar que a diminuição do nível do analfabetismo funcional está diretamente ligada ao nível de escolarização dos sujeitos.

Como a escolarização/letramento é o caminho para diminuir o analfabetismo funcional, é necessário encontrar meios para aumentar o nível de proficiência na leitura dos sujeitos, pois, assim como ressaltado anteriormente pelo Inaf (2018), a escolarização por si só, sem os meios necessários, não contribui para que 100% dos sujeitos saiam do Ensino Médio e adentrem no Ensino Superior com capacidades proficientes de leitura.

Sendo assim, para a diminuição de analfabetos funcionais, somente será possível por meio da alfabetização no contexto do letramento, no qual, conforme Lotsch (2016), é um termo que surge a partir da necessidade de ampliar o conceito de alfabetização, chamando a atenção não apenas para o domínio da habilidade de ler e escrever, mas para o uso dessas habilidades em práticas sociais em que são necessárias.

Segundo Soares (2009), as pessoas se alfabetizam, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita para envolver-se com as práticas sociais de escrita no dia a dia e não criam o hábito de ler para aperfeiçoar suas práticas de letramento.

Soares (2004, p. 14) salienta que dissociar alfabetização e letramento é um equívoco, porque a entrada do sujeito no mundo da escrita ocorre simultaneamente pela alfabetização, que é o sistema de escrita e pelo letramento, no qual é a habilidade de usá-lo em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais. Eles são processos interdependentes e indissociáveis, pois a alfabetização desenvolve-se por meio de práticas sociais de leitura e da escrita e o letramento só se pode desenvolver em dependência da alfabetização.

À vista disso, é importante destacar que, segundo Soares (2009), por mais que o sujeito seja analfabeto, não se pode dizer que ele é totalmente iletrado, se este se encontra inserido em uma sociedade letrada. Do mesmo modo que uma criança não alfabetizada não é iletrada, já que convive em um ambiente rico em letras e palavras. Assim, podendo um sujeito não ser alfabetizado, mas ser letrado.

A respeito disto, Soares (2009) destaca que

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva, se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada (Soares, 2009, p. 24).

Diante do exposto, entende-se o letramento faz necessário na vida de todos os sujeitos, para que consigam se comunicar de maneira efetiva por meio da escrita e da leitura, permitindo que expressem suas ideias, de maneira clara, que compreendam informações e se envolvam em conversas e debates mais complexos. Portanto, ser letrado traz habilidades de pensamento crítico, de maneira que os sujeitos analisem, reflitam e questionem o que leem, além de serem capazes de formar opiniões e julgamentos bem fundamentados, tendo em vista que, para viver em uma sociedade cada vez mais desenvolvida, requer habilidades de leitura e interpretação.

Alfabetizar letrando

Não se pode mais pensar em apenas alfabetizar os sujeitos somente voltando-se para a tecnologia da escrita. É preciso torná-los, ao mesmo tempo, alfabetizados e letrados, contribuindo para que aprendam, simultaneamente, a atender as demandas sociais de uso da escrita com diversas habilidades como: escrever para atingir diversos objetivos, utilizar a escrita para ampliar seus conhecimentos, interpretar diversos gêneros textuais, imergir no imaginário através da leitura, dentre várias outras (Soares, 2009).

Tratando-se da importância da prática de alfabetização, na perspectiva do letramento, esta preocupação de se alfabetizar através de textos e palavras disponíveis no contexto social do sujeito já era uma preocupação de Paulo Freire (2008) antes mesmo de surgir o termo letramento na área da linguística. Freire foi um dos primeiros a utilizar a alfabetização com um sentido mais próximo do que é hoje o letramento, pois, antes mesmo de se falar em letramento, Freire (2008) já propunha a alfabetização contextualizada, isto é, a alfabetização para a mudança social, a prática da educação como forma libertadora do homem, ou seja, o sujeito atuante transformador do seu meio.

Para Kleiman (2005), o letramento é considerado como prática escolar essencial: ser alfabetizado é poder participar de forma autônoma das muitas práticas de letramento. Diante disto, pode-se confirmar o quão se faz necessário ser letrado e alfabetizado ao mesmo tempo, não desmembrando esses dois processos, para assim, conseguir atender as demandas da sociedade.

Entende-se que ser alfabetizado não garante o letramento. Logo, utilizar unicamente os métodos de alfabetização ultrapassados não assegura um ensino de qualidade às crianças, pois, estarão focados somente em métodos de ensino, sem ter o estudante no centro do processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, não é possível oferecer ao sujeito, alfabetização e letramento ao mesmo tempo.

Tratando-se do quão prejudicial pode ser para o letramento, alfabetizar utilizando um único método, Soares (2020) faz uma crítica acerca dos métodos que possuem pressupostos de que é necessário aprender a codificar e decodificar as relações entre letras e grafemas, para só depois ler e escrever com proficiência. Assim, cada método de alfabetização foca em apenas uma fração do processo de aprendizagem do sistema alfabético.

Existem diversos métodos, bem como apresentado anteriormente, alguns iniciam das relações fonema-letra, outros partem de textos para que as crianças compreendam os fonemas. Há métodos que partem das palavras para daí apresentar os fonemas e as letras que as complementam. Como pode se perceber, a semelhança entre eles é que, todos focam e privilegiam um ou outro lado, concentrando-se no sistema de escrita e em como ensinar, deixando de lado a preocupação de como a criança aprende, desconsiderando o sujeito (Soares, 2020).

Para Soares (2020, p. 242), compreender seria “entender o que foi escrito: captar o significado das palavras, identificar os fatos e ideias que estão no texto” e interpretar um texto é “estabelecer conexões entre fatos e ideias que estão subentendidas no texto”. Desta forma, o sujeito que possui tais aptidões pode ser considerado letrado e para que ele alcance um nível de leitura competente e tais habilidades, conseguindo interpretar e compreender o que o autor quis dizer, faz-se imprescindível, no ciclo de alfabetização e letramento, passar por todas as etapas descritas anteriormente.

Por conseguinte, é relevante apresentar algumas metas a serem alcançadas no desenvolvimento dos estudantes, na fase de alfabetização e letramento, a respeito das habilidades de leitura, compreensão e interpretação de textos, que Soares (2020) propõe. Para que essas habilidades sejam desenvolvidas com sucesso, é necessário que haja uma continuidade nos conteúdos, ocorrendo uma distribuição das habilidades nos anos do período de alfabetização e letramento.

Soares (2020) salienta que, assim como há necessidade de desenvolver a leitura de frases, para que as crianças leiam textos, também é preciso passar da escrita de palavras para a escrita de frases e logo após, a escrita de textos. Para isto, deve-se sempre motivar as crianças a escreverem textos criando situações de interação através da escrita, propondo que elas escrevam um texto com determinado objetivo. Desta forma, favorecendo o desenvolvimento de habilidades que ultrapassem os limites de escrever apenas palavras e frases.

O letramento é fator central para que um sujeito possa ter liberdade social e pensamento crítico acerca de tudo que é apresentado a ele. Por isso, é fundamental que a alfabetização esteja ligada intrinsecamente ao letramento, no processo de ensino e a aprendizagem.

Professores capacitados para o processo de alfabetizar e letrar

Cabe aos professores observarem o nível de letramento de seus estudantes, visto que cada um possui um tipo de vivência. Aos professores exige-se um ensino quase sob medida, personalizado para os postulados estilos de aprendizagem de cada criança pois existe uma diferença de conhecimentos que cada estudante carrega consigo ao ingressar no Ensino Sistematizado. Por conseguinte, entende-se a importância de os professores redirecionarem a sua prática e serem críticos com relação a ela, sendo capazes de perceber quais metodologias alcançarão melhor seus estudantes, a partir da percepção do meio social em que se encontram.

Neste sentido, Frade (2005) enfatiza como o professor pode facilitar seu trabalho como alfabetizador ao observar os estudantes com um olhar atento, analisando as dificuldades deles e suas necessidades. Através disto, as chances de se ter sucesso no processo de ensino e aprendizagem aumentam consideravelmente, contribuindo para que os estudantes saiam da escola fazendo uso social da leitura e da escrita.

Levando em consideração o contexto social e a bagagem de conhecimentos dos estudantes, o professor precisa fazer a escolha de diferentes metodologias que possam lhe auxiliar no processo de alfabetizar sua turma no contexto do letramento, bem como aponta Frade (2005), a respeito da importância de um professor alfabetizador estar capacitado para tal missão.

Além disto, as metodologias escolhidas pelo professor podem variar, pois eles julgarão quais atingirão melhor seus estudantes e serão ideais para alfabetizá-los e letrá-los. Deste modo, acredita-se, mais uma vez, na necessidade do professor-alfabetizador pesquisar, analisar e compreender os momentos passados e atuais em torno do como alfabetizar, pois isto evidencia os problemas enfrentados na criação de maneiras de alfabetizar, podendo não repetir os erros cometidos, mas claro, respeitando a radicação, que apesar de ultrapassada, significou inovação naquela época.

O início do caminho da alfabetização é o professor tornar a leitura significativa, fazendo o estudante perceber a sua importância e sua função na vida em sociedade, como indica Carvalho (2015, p. 127), ao ressaltar que “O importante é mostrar aos estudantes os usos da leitura e da escrita na vida social”. Tratando-se dos métodos de alfabetização, Carvalho (2010) constata que, métodos puros só existem na teoria. Na prática, os professores precisam fazer adaptações, partindo de um método e adicionando inovações, a partir de sua experiência com aquela turma.

Muitos professores não estão devidamente preparados para enfrentar os desafios do letramento, pois, a formação inicial de professores, muitas vezes, não aborda, de forma adequada, as questões relacionadas ao letramento, deixando-os despreparados para lidar com as dificuldades que seus estudantes podem apresentar, visto que “diversos cursos ainda têm como foco exclusivo teorias gramaticais e linguísticas e metodologias que não favorecem a preparação do professor para o ensino de linguagem num mundo globalizado” (Oliveira, 2014, p. 97).

Matencio (2021) destaca como as universidades ainda não conseguiram criar meios e propostas diferentes para formar professores capazes de lidar e resolver as dificuldades de seus estudantes, nas mais variadas etapas de ensino, relacionadas às práticas de letramento. Neste contexto, Matencio (2021) faz um levantamento pertinente acerca de que, muitos professores, em formação, adentram na graduação, com práticas de leitura ineficientes, decorrentes de sua formação na escola, cujas práticas de leitura e escrita não foram legitimadas, gerando resultados insatisfatórios na graduação: “e esses mesmos sujeitos deveriam, em princípio e por princípio, ser aqueles que inserem os estudantes nessas práticas” (Matencio, 2021, p. 8).

Os cursos de licenciatura, muitas vezes, não formam professores capacitados para estes processos de alfabetização e letramento, baseado em uma perspectiva de construção de conhecimento/Ensino e Aprendizagem. Por isto, a grade curricular da formação de professores, deve ser repensada, tendo em vista, o ensino tradicionalista que, muitas vezes, é repassado.

Formação continuada de professores para alfabetizar e letrar

A formação continuada é essencial para manter os professores atualizados nas práticas e metodologias mais eficientes no processo de letramento, devendo planejar e dominar todos os conteúdos repassados aos estudantes, através de diversas metodologias que contribuam para a construção do conhecimento, de forma significativa, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita está voltado para a construção de leitores críticos e interativos.

Salomão (2014) destaca como a formação continuada possibilita mudanças significativas na prática pedagógica, permitindo que haja uma ação reflexiva por parte dos docentes acerca de sua prática, levando-os a adequar sua formação às exigências sociais, educacionais e culturais propostas a ele. Em suma, a formação de professores capacitados para o letramento é uma necessidade premente na atualidade.

O Ministério da Educação (MEC) lançou o Programa Pró-Letramento, no qual era uma exigência profissional aos professores da rede pública de Ensino, com objetivo de oferecer “formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem de leitura, escrita e matemática nas [...] séries iniciais do ensino fundamental” (Brasil, 2012, p. 7). Sendo, portanto, um curso de aperfeiçoamento, assim como é intitulado o mesmo em seu documento.

Desta forma, enfatiza-se o quanto os métodos utilizados pelo professor tornam-se facilitadores no processo da aprendizagem da língua escrita e falada, não buscando apenas capacitar os professores para letrar seus estudantes. O programa “não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar; trata-se de alfabetizar letrando” (Brasil, 2008, p. 13), influenciando, deste modo, a ação do docente e a forma de aprender dos estudantes, sugerindo uma ação pedagógica articulada.

Carvalho (2010) enfatiza que, para que sejam resolvidos o problema do analfabetismo, são necessárias diversas medidas, além do aumento de oportunidades de formação continuada dos professores, como, redução do número de estudantes por turma, mais verbas para material didático, bibliotecas e salas de leitura, pois a melhoria das taxas de alfabetização está ligada à melhoria da qualidade do Ensino Fundamental.

Tratando-se de políticas públicas alfabetizadoras voltadas para a formação continuada de professores, faz-se relevante apresentar o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que foi instituído em 2012. Ele é um programa do Ministério da Educação e se concretiza em parceria com universidades públicas e secretarias de Educação (Brasil, 2012).

O PNAIC possui diversos objetivos e componentes a serem realizados, entretanto, o foco aqui será voltado para um de seus eixos, que é a formação continuada de professores oferecida pelo mesmo. Um dos intuitos da criação do PNAIC foi para o cumprimento da meta 5 do Plano Nacional de Alfabetização (PNE),, então vigente, no qual planejava “alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental” (Brasil, 2019, p. 40).

Para que tal proposta fosse colocada em prática houve a necessidade da formação dos professores alfabetizadores no contexto do letramento, em que, ao finalizar o curso, são totalizadas 120 horas.

Considerações finais

Esta pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, teve como objetivo apresentar uma discussão a respeito do letramento ser fator essencial no processo de alfabetização, para que os sujeitos sejam capazes de se expressar de forma significativa e agir criticamente em suas demandas sociais.

Em virtude dos assuntos abordados, foi possível perceber que diversos métodos de alfabetização já criados e utilizados pelos professores apontam que a alfabetização deve ser ensinada paralelamente ao letramento, pois vai além da decodificação e da escrita escolar, sendo o letramento a leitura do mundo, da escrita do pensamento, do senso crítico, da livre expressão e da leitura nas entrelinhas.

Desse modo, entende-se que, para que um sujeito seja letrado, é necessário que conviva em um ambiente letrado, faça parte de um ambiente rico em leituras e tratando-se do meio escolar,

que a instituição promova a alfabetização no contexto do letramento e mais ainda, que associe tais ensinamentos ao meio social em que os estudantes estão inseridos. Compreende-se que não basta apenas codificar e decodificar, é preciso que o sujeito seja capaz de compreender a funcionalidade da língua, nos mais diversos contextos sociais, de forma que se possa exercer plenamente sua cidadania.

Alguns pontos levantados e concluídos acerca da metodologia de alfabetização, no contexto do letramento são: atividades que façam sentido para os estudantes, que estejam em consonância com seu meio social, imersão no mundo da leitura através de literaturas e variedades de textos, incentivar as crianças a lerem os escritos que existem por todos os lados na sociedade, fazendo com que ela perceba que a escrita é social e faz parte do cotidiano dos homens.

Portanto, para que se obtenha sucesso no processo de alfabetização e letramento, assim como destacado anteriormente, há de se entender que não há uma única maneira de se alfabetizar uma criança. O professor tem a sua disposição diversos métodos de abordagem referentes ao processo de ensino e aprendizagem, cabe a ele perceber a realidade de sua turma e a necessidade de seus estudantes para selecionar a melhor metodologia a ser seguida.

Diversos assuntos foram debatidos no decorrer da escrita, dúvidas foram sanadas e ideias engessadas de alfabetização extinguidas. Contudo, esse assunto não se esgotou, existindo diversos outros caminhos a serem percorridos.

Espera-se que essa pesquisa abra novas possibilidades de estudo, para que sejam aprofundadas as análises sobre alfabetização e letramento, métodos de alfabetização, formação continuada, a importância da leitura nas séries iniciais e o hábito dela, sendo papel do pedagogo, além da família, incentivar prática do hábito da leitura.

Referências

BRASIL. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: formação do professor alfabetizador. Caderno de apresentação / **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - Brasília: MEC, SEB, 2012. 40 p. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/obeducpacto/files/2019/08/Caderno-de-Apresentacao-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2010.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis: Vozes, 2015.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 26 ed. São Paulo; Cortez, 2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores**. Caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

INAF BRASIL. **Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional**. Resultados preliminares. INAF 2018. Disponível em: alfabetismofuncional.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/Inaf2018_Relatório-

Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 15 ago. 2023.

KLEIMAN, Angela. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: Cefiel - Unicamp; MEC, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

LOTSCH, **Vanessa de Oliveira.** **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Cengage, 2016.

MATENCIO, Maria Meirelles. Estudos do letramento e formação de professores: retomadas, deslocamentos e impactos. **Calidoscópico**, v. 7, n. 1, p. 5–10, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5715/571561886002.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2023.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Os sentidos da alfabetização.** São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos.** São Paulo: Artmed Editora, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

Recebido em 19 de maio de 2024.

Aceito em 11 de agosto de 2024.